

# **CARACTERIZAÇÃO PSICOSSOCIAL DE UM GRUPO DE GESTANTES E MÃES ADOLESCENTES DE UMA COMUNIDADE DE BAIXA RENDA (APOIO CNPq)**

**Aluno:** Wesley do Carmo Cardoso

**Orientador:** Prof. Dr. João Eduardo Coin-Carvalho

**Curso:** Psicologia

**Campus:** Chácara Santo Antônio

A gravidez e a maternidade adolescente vêm sendo tratadas com ênfase nas políticas públicas de saúde, mas exigem proximidade e adequação para tratar da especificidade desta clientela. O objetivo desta pesquisa é caracterizar um grupo de gestantes e mães adolescentes moradoras da comunidade da Vila Nova Tietê (Zona Norte de São Paulo), atendidas por programas de atenção psicossocial. Foram entrevistadas 13 gestantes e mães adolescentes com idades entre 16 e 19 anos ( $M=17,4$ ), entre agosto de 2011 e maio de 2012. As participantes engravidaram em média aos 16 anos e nove já haviam engravidado ao menos uma vez. Todas as adolescentes conhecem ao menos dois métodos anticoncepcionais, com destaque para a pílula e para a “injeção”. Doze delas fazem uso regular destes métodos. Todas fizeram o pré-natal iniciando em média aos três meses de gestação. Cerca de metade considerou a possibilidade de abortar. Nove delas moram nas casas dos pais. Apenas três das mães das entrevistadas foram mães antes dos 18 anos. Os pais dos bebês têm entre 16 e 34 anos ( $M= 22,5$ ) e dez moram com as participantes. Duas completaram o ensino médio e apenas quatro continuam estudando. Apenas uma afirma ter recebido algum apoio da escola na gravidez. As entrevistadas têm um bom relacionamento com a UBS (Unidade Básica de Saúde), porém afirmam não receber um atendimento específico para adolescentes. Reconhecem a responsabilidade relacionada à maternidade, mas não apontam dificuldades para desempenhar esta função, ainda que citem a perda de oportunidades de emprego e estudo que sonham poder recuperar. Para elas, a gravidez e a maternidade se relacionam com a passagem da infância para o

mundo adulto em função da responsabilidade exigida no cuidado com os filhos. Ainda assim, se consideram “adolescentes”. Os resultados estão em conformidade com a literatura recente e crítica, desmitificando a ideia de jovens desinformadas e alheias à sua condição de exclusão: falam de relações fixas, moradias compartilhadas com os pais e o pai do bebê e sonhos de voltar ao trabalho e ao estudo. A caracterização sistemática e local da clientela é necessária para a adequação dos recursos oferecidos, o que deve estar incluído nas rotinas das unidades de saúde que busquem suporte numa relação solidária entre moradores e profissionais. Ressalta-se a importância do planejamento de ações específicas para o atendimento de adolescentes em condição de alta vulnerabilidade, a especificidade de suas demandas e desejos em meio à exclusão e sofrimento.